

PRESERVAÇÃO  
na Serra da  
Bodoquena, Mato  
Grosso do Sul

MEIO AMBIENTE

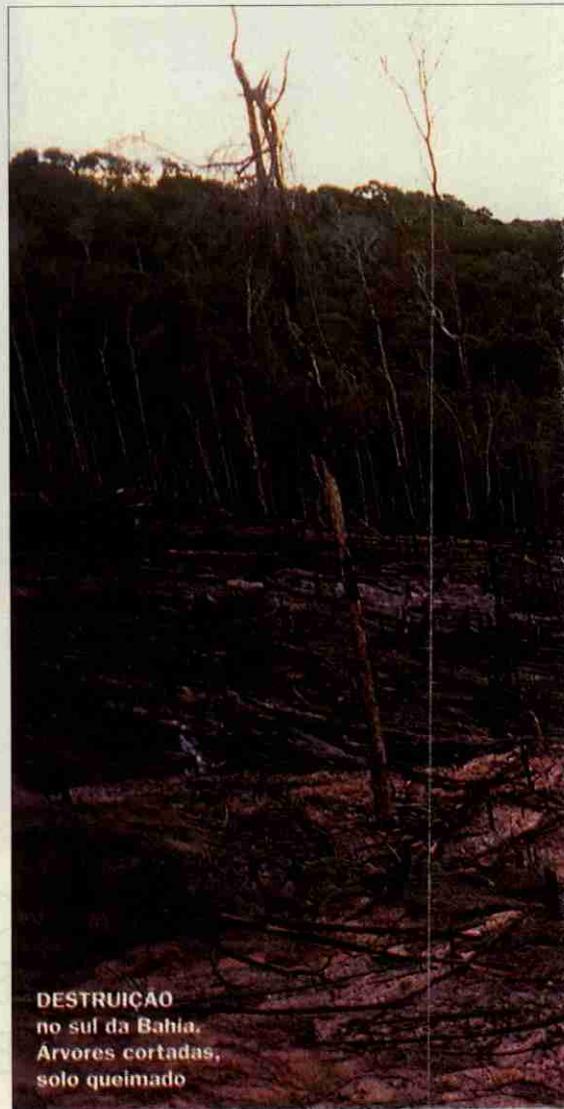
# Mais vida para a mata

Estudo revela que a fauna e a flora  
atlânticas estão no limite de sobrevivência

Um quadro devastador. A Mata Atlântica, que há 498 anos encheu os olhos dos portugueses tão logo aportaram no Brasil, está agonizando. Da vegetação original, que cobria 1,2 milhão de quilômetros quadrados, restam apenas 7%. A situação atual é crítica e está descrita no *Atlas da Evolução dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica*, o segundo levantamento sobre o assunto, feito pela organização não-governamental SOS Mata Atlântica, de São Paulo, em convênio com o Instituto Socioambiental (ISA). Divulgado na semana passada, o estudo resulta da análise de fotos de satélite tomadas pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) em nove estados brasileiros.

O olho do satélite não captou maravilhas. Pelo contrário. Em relação ao primeiro levantamento, que abrange de 1985 a 1990, percebe-se hoje uma mudança na geografia da devastação, que continua acelerada. Os estados que mais abateram a vegetação atlântica, na década passada, tornaram-se mais contidos nos últimos anos, a exemplo de Santa Catarina. Surgem, porém, novas agressões. A região que ostenta os piores índices atualmente é a do Rio de Janeiro, justamente o estado que mais preservara a mata segundo o levantamento anterior.

Técnicos e ambientalistas alertam para a necessidade de calar as motoserras a fim de preservar o pouco que sobrou da floresta – esse *quantum*, ▷



DESTRUIÇÃO  
no sul da Bahia.  
Árvores cortadas,  
solo queimado



Mico-leão-de-cara-dourada: símbolo da luta pela preservação

Bromélla-poço-de-jacó: reservatório de água para os animais



## ENTENDA COMO A MATA FUNCIONA

**Ela é um exemplo perfeito de como a vida depende do entrosamento de diferentes fatores**

A Mata Atlântica é um conjunto de três ecossistemas. No litoral, cresce a restinga. Junto aos estuários dos rios, formam-se os manguezais, depósitos de matéria orgânica que alimentam inúmeras espécies animais. Por fim, vem a floresta, com folhagem mais densa e árvores altas, cujas raízes impedem que as camadas férteis do solo sejam "varridas" pelas chuvas. As sombras produzidas pela copa das árvores preservam as nascentes e os lençóis freáticos.

O funcionamento harmonioso desse conjunto significa vida para a mata. As bromélias, plantas de rara beleza, brotam no chão ou em caules, ser-

vindo de reservatório d'água para insetos, pássaros e pequenos animais como o mico-leão. Estes, por sua vez, funcionam como dispersores de "sementes", que jogam no chão depois de comer a polpa das frutas. A mata ainda apresenta grande variedade de madeiras nobres, como o pequi, o jequitibá e o jacarandá, disputadas no mercado internacional. Espécies sem valor comercial, como a embaúba, por exemplo, sustentam com suas folhas o bicho-preguiça. Na fauna atlântica, os animais têm funções a desempenhar. O tatu, por exemplo, ao cavar a terra está oxigenando o solo. Tem sido também utilizado no estudo da lepra.



## O AVANÇO DA DESTRUIÇÃO

Em amarelo, a exuberância da mata na época do descobrimento; em verde, o que resta depois de 500 anos

### Brasil

Área de 8.547.404 km<sup>2</sup>

Em 1500: 1.209.000 km<sup>2</sup> – 15% do território nacional

Em 1990: 91.408 km<sup>2</sup> – 1,06% do território nacional

Hoje: 86.289 mil km<sup>2</sup> – 1,00% do território nacional

(Os números de 1990 e 1998 referem-se às regiões analisadas pelo SOS Mata Atlântica.)

### Goiás

Área de 341.289 km<sup>2</sup>

Em 1990: 122 km<sup>2</sup>

Hoje: 110 km<sup>2</sup>

### Minas Gerais

Área de 588.384 km<sup>2</sup>

Em 1500: 303.567 km<sup>2</sup>

Em 1990: 12.804 km<sup>2</sup>

Hoje: 11.875 km<sup>2</sup>

### Espírito Santo

Área de 46.184 km<sup>2</sup>

Em 1500: 40.000 km<sup>2</sup>

Em 1990: 4.390 km<sup>2</sup>

Hoje: 4.103 km<sup>2</sup>

### Mato Grosso do Sul

Área de 358.159 km<sup>2</sup>

Em 1990: 634 km<sup>2</sup>

Hoje: 575 km<sup>2</sup>

### São Paulo

Área de 248.809 km<sup>2</sup>

Em 1500: 204.500 km<sup>2</sup>

Em 1990: 19.118 km<sup>2</sup>

Hoje: 18.481 km<sup>2</sup>

### Rio de Janeiro

Área de 43.910 km<sup>2</sup>

Em 1500: 42.940 km<sup>2</sup>

Em 1990: 10.611 km<sup>2</sup>

Hoje: 9.288 km<sup>2</sup>

### Paraná

Área de 199.709 km<sup>2</sup>

Em 1500: 167.824 km<sup>2</sup>

Em 1990: 18.484 km<sup>2</sup>

Hoje: 17.694 km<sup>2</sup>

### Rio Grande do Sul

Área de 282.062 km<sup>2</sup>

Em 1500: 112.027 km<sup>2</sup>

Em 1990: 7.984 km<sup>2</sup>

Hoje: 7.496 km<sup>2</sup>

### Santa Catarina

Área de 95.443 km<sup>2</sup>

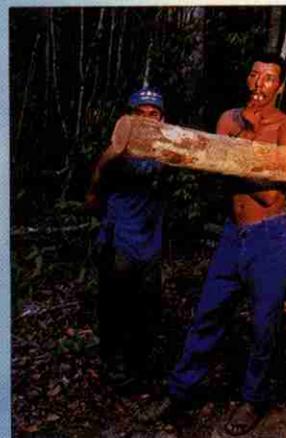
Em 1500: 77.684 km<sup>2</sup>

Em 1990: 17.256 km<sup>2</sup>

Hoje: 16.662 km<sup>2</sup>

**ESTRAGOS na Serra de Teresópolis, no Rio: caso grave de desmatamento**

**ASSENTADO em Morro do Taló (SC), Edson Soibert desmatou para fazer a casa**

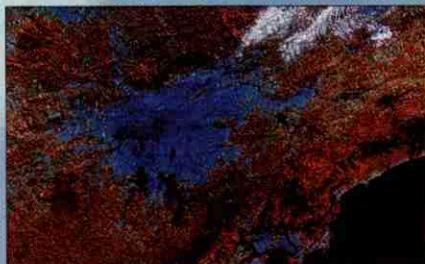


86 mil quilômetros quadrados, já beira o limite de sobrevivência de vários ecossistemas. Nele, sucumbem micos-leões, jacarés-de-papo-amarelo, bromélias, jequitibás-rosa... "Estamos assinando o atestado de óbito das nossas florestas", lamenta o ambientalista Mário Mantovani, superintendente do SOS Mata Atlântica e um dos coordenadores do novo estudo. João Paulo Capobianco, secretário executivo do ISA e parceiro de Mantovani na empreitada, acrescenta que informar é a saída. "Levantamentos como esses apontam soluções porque mostram os responsáveis pela situação", resume.

As justificativas para a destruição vão desde o interesse econômico de grandes empresas – inclusive sob o argumento de geração de empregos – à sobrevivência dos pequenos agricultores. No Rio de Janeiro, a especulação imobiliária foi a maior responsável pelo desmatamento de uma área que corresponde a 3% do território do estado. Isso em apenas cinco anos. Os maiores estragos concentram-se nas serras onde estão fincadas as cidades de Teresópolis e Petrópolis, duas conhecidas estâncias. Retalhadas em dezenas de condomí-

Fonte: Fundação SOS Mata Atlântica

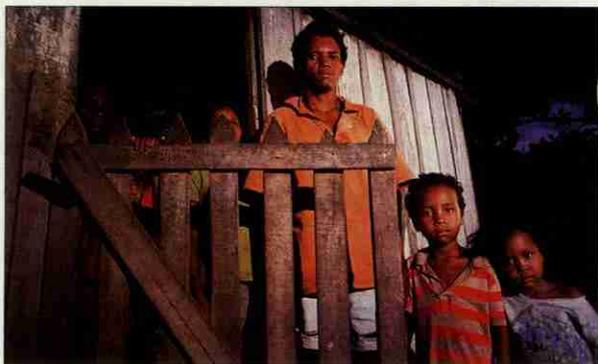
**SÃO PAULO vista pelo satélite: a capital está em azul, cercada pela mata, em vermelho**





**SAQUEANDO a mata, Wilson Ribeiro, de Arraial d'Ajuda (BA), leva toras para construir cercas**

**VIVENDO DE BICO, o baiano Domingos dos Santos, com nove filhos, já não pode cortar madeira**



nios de luxo, as serras fluminenses hoje abrigam favelas em expansão. Mato Grosso do Sul também figura entre os estados que mais devastaram a Mata Atlântica no país. Lá, resta apenas 0,16% do que havia em 1500. Contribuiu para o agravamento da situação uma centena de autorizações falsificadas de desmatamento em regiões onde se instalaram grandes fazendas de gado.

Se dependesse apenas da proteção das leis, a mata estaria a salvo. De maneira geral, a legislação ambiental brasileira é rigorosa, concordam ecologistas de todo o mundo. Vigoram, ao menos no papel, as várias disposições do Código Florestal e a nova Lei de Crimes Ambientais, promulgada em fevereiro deste ano. Há o Decreto nº 750, de 1993, que define regras de exploração sustentável da Mata Atlântica e, agora, os ambientalistas sonham com a aprovação do Projeto de Lei nº 3285, também preservacionista, cuja tramitação arrasta-se há quatro anos no Congresso. Coroando tudo, a mata conta com o status de patrimônio nacional na Constituição Brasileira. Mas o feixe de leis esbarra, e continuará esbarrando, na fiscalização precária. "Existem 110 fiscais para toda

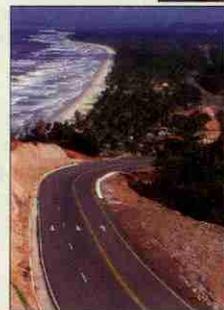
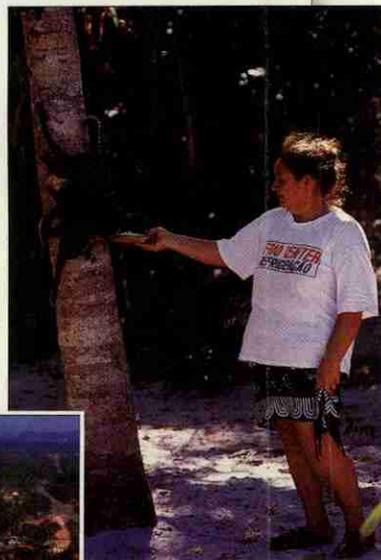
a área coberta pela Mata Atlântica. É muito pouco", reconhece Rodolfo Lobo da Costa, chefe do departamento de fiscalização do Ibama.

**Os empresários** que vivem da madeira esperneiam com as leis e as poucas iniciativas de fiscalização. "É um absurdo deixar uma árvore em pé e as pessoas morrendo de fome", diz Edson Guedes, dono de duas serrarias na região de Itabela e Camacã, cidades ao sul da Bahia. Entre setembro de 1996 e março de 1997, Guedes foi autuado pelo Ibama cinco vezes por transporte ilegal de madeira. Como ele, outros tantos madeireiros justificam a atividade com os 7,5 mil empregos que as serrarias têm proporcionado a uma população carente. A partir de uma resolução do Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama) que suspende a exploração da madeira nas áreas de mata na Bahia esses postos de trabalho estão com os dias contados. Hoje, das sessenta serrarias que Itabela já teve, restam apenas sete. "O desemprego em Itabela viria em três anos com o fim da madeira", diz José Augusto Tosato, do Centro de Estudos e Pesquisas para o Desenvolvimento do Extremo Sul da Bahia (Cepedes).

## UMA ESTRADA ECOLÓGICA

**Monitorada por ambientalistas, a rodovia preserva a natureza**

Há dois meses, o asfalto encurtou o caminho entre Ilhéus e Itacaré, no sul da Bahia. Os 63 quilômetros que separavam as duas cidades, banhados pelo mar, passaram a ser percorridos em 1 hora em vez de 3. A nova estrada, que integra a BA-001 e corta a Mata Atlântica, é a primeira no Brasil construída com monitoramento ambiental. O Instituto de Estudos Sócio-Ambientais do Sul da Bahia foi o responsável pelo projeto. Conseguiu incluir nele a criação do Parque Estadual da Serra do Conduru, uma área de 9 mil hectares e grande biodiversidade. Na íntegra, o projeto saiu por US\$ 20 milhões, financiados pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento. Exemplos como a Ilhéus-Itacaré deveriam ser imitados.



**GENTE DO LUGAR Lourdes do Carmo alimenta micos na estrada**

Certas iniciativas fazem com que a mata renasça. Em Cumuruxatiba, no extremo sul da Bahia, há dois anos 87 famílias que vivem no assentamento de Riacho das Ostras trabalham pelo sistema agroflorestal. Com financiamento de US\$ 231 mil vindo do G-7, o grupo dos sete países mais ricos do planeta, e sob a coordenação da organização não-governamental Terra Viva, os agricultores cultivam árvores frutíferas em meio ao que ainda resta de mata. Foram plantadas 6 mil mudas de espécies frutíferas e outras 3 mil de espécies nativas. "Assim evitamos as queimadas para limpar o terreno", explica Antonio Assumpção, conselheiro da Terra Viva. Pelo projeto, a renda mensal dos assentados, em torno de dois salários ▶

**FIGURINHA RARA O periquito três-dias só é encontrado na Serra da Bodoquena**



## LIÇÕES DE SOBREVIVÊNCIA



**Adão Oliveira, 53, de Riacho das Ostras (BA)**

### PLANTAR SEM DESTRUIR

Até 1986, Oliveira era um sem-terra. Assentado, derrubou árvores, queimou mata e plantou feijão e mandioca. Mas a colheita da roça, feita sobre a devastação, não garantia o sustento. Hoje, cultiva coco, graviola e pitanga ao lado de árvores que sobreviveram às queimadas. "Demorou, mas percebi que era possível preservar e plantar", diz.



**O casal exhibe a estufa de 400 mil mudas**

### A GARRA DOS PEQUENOS

Wigold Schäffer e Miriam Prochnow dirigem há dez anos a Associação de Preservação do Meio Ambiente do Alto Vale do Itajaí, a Apremavi, em Santa Catarina. Com apenas oito funcionários, a associação distribui mudas de árvores nativas e promove planos de exploração sustentável de florestas junto a pequenos agricultores catarinenses.



**Cecília e Arno seguem o exemplo do filho morto**

### PRESERVANDO POR AMOR

Cecília e Arno Schaefer perderam um filho, ecologista, num acidente há quatro anos. Desde então, o casal de agricultores resolveu mudar a vida na pequena propriedade que possuem em Atalanta, interior de Santa Catarina. Já plantaram 3 mil árvores nativas e querem mais. "Hoje entendemos o valor da floresta", afirma Arno.

mínimos, deve dobrar com a comercialização das frutas, e a floresta passará a cobrir 25% dos 2 mil hectares do Riacho das Ostras.

As queimadas que um dia atormentaram Cumuruxatiba ainda são motivo de preocupação em Santa Catarina. No município de Santa Terezinha, no Vale do Itajaí, famílias de sem-terra queimam áreas de mata dentro das fazendas. O assentamento de Morro do Taió é um desses casos. Lá, o que era floresta fechada deu lugar a lavouras de milho, feijão e fumo. Segundo a lei, as áreas de mata derrubada ilegalmente continuam territórios de preservação – ou seja, sem-terra como os do Morro do Taió não poderiam ter suas glebas regularizadas e precisariam ser transferidos.

**A fumicultura** é outra dor de cabeça. O Estado de Santa Catarina abriga mais de 35 mil produtores de fumo. Eles secam as folhas em estufas que consomem, cada uma, 60 metros cúbicos de lenha. Ao todo, são queimados mais de 2 milhões de metros cúbicos de madeira por ano. Na outra ponta do problema está a indústria de cigarros, representada por gigantes como a Souza Cruz, que faz programas de reflorestamento. No entanto, ambientalistas reclamam que esses programas repõem apenas eucaliptos, árvores de crescimento rápido, estranhas à Mata Atlântica. Impor a lei nos estados produtores de fumo significaria restringir uma atividade que gera lucros e garante o sustento de muitos. Mais uma vez, deixa-se de resolver a equação meio ambiente versus desenvolvimento econômico.

Os conflitos também alcançam o mais desenvolvido dos estados brasileiros. No início do mês, a Secretaria de Meio Ambiente de São Paulo suspendeu a licença que concedera à empresa Embra-parque para a instalação do Xuxa Water Park, em Itanhaém, litoral sul do Estado. Trata-se de um empreendimento com área de 4 milhões de metros quadrados e custo de US\$ 250 milhões. Para o Ibama, o complexo colocará em risco uma fauna típica de formações de restinga. Por outro lado, ambientalistas, empresários e governo colidem num interminável debate em torno do maior santuário ecológico do estado, o Parque da Juréia. Preservado e intocado a partir de 1986, o santuário não oferece condições de subsistência para os moradores da região. E assim, entre a permissividade e o rigor absoluto, impõe-se o desafio de preservar a mata. ■

ANDRÉA MICHAEL/BEATRIZ VELLOSO

## RISCO DE VIDA

Dos 202 animais ameaçados de extinção no Brasil, 179 vivem na Mata Atlântica. Em sua maioria, são espécies endêmicas, ou seja, só sobrevivem nesse habitat. A dependência do meio é comum entre milhares de plantas e centenas de primatas



**Papagaio-de-cara-roxa**



**Anta com filhote**



**Jacaré-de-papo-amarelo**



**Onça-pintada**



**Jacutinga**